

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

WALTER BENJAMIN: SOBRE “CERTAS MULHERES”¹

Carla Milani Damião²,

Resumo:

Esse artigo trata de constituir o imaginário benjaminiano sobre as figuras das sibilas e das bruxas com base em escritos diversos do autor, entre os quais, sua correspondência particular, textos de juventude e programas radiofônicos. O ponto de partida é um artigo já publicado em duas versões de mesma autoria deste, cuja intenção é a de perceber um aspecto metodológico na analogia criada entre a figura da prostituta com a da sibila. Essas figuras retornam na coincidência com o que caracteriza a larga denominação de bruxa na Antiguidade e Idade Média. A questão central desse artigo é a do equilíbrio entre mito e razão na perspectiva dialética de Walter Benjamin, bem como uma concepção das mulheres como seres das passagens, guardiãs, guias ou mediadoras.

Palavras-chave: Sibila; Bruxa; Mito; Razão; *Crimen exceptum*.

Abstract:

This article aims to constitute the Benjaminian imaginary on figures of sybils and witches based on different writings by the author, among which are his private correspondence, texts from his youth, and radio broadcasts. The starting point is an already published article, in two versions, by this same author, whose intention is to perceive a methodological aspect in the analogy created between the figure of the prostitute and that of the sibyl. These figures return in coincidence with what characterizes the wide denomination of witch in Antiquity and the Middle Ages. The central issue of this article is the balance between myth and reason in Walter Benjamin's dialectical perspective, as well as a conception of women as beings of the passages, guardians, guides or mediators.

Keywords: Sibyl; Witch; Myth; Reason; *Crimen exceptum*.

¹ Walter Benjamin: On “Certain Women”

² Carla Milani Damião é professora da Faculdade de Filosofia e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) e em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Entre outras publicações, é autora do livro *Sobre o declínio da “sinceridade”*: Filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin (Loyola, 2006) e organizadora de coletâneas, entre as quais: *Confluindo tradições estéticas* (2016), *Estética em preto e branco* (2018) e *Estéticas Indígenas* (2019), como resultado de colóquios organizados pela linha de quisa em Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFG. Com Pedro Hussak organizou e traduziu a coletânea de textos intitulada *Walter Benjamin. Diário parisiense e outros escritos* (Hedra, 2020). Endereço de e-mail: cmdw16@ufg.br.

APRESENTAÇÃO

O objetivo desse artigo, como já descrito no resumo acima, é o de constituir o imaginário benjaminiano sobre as figuras das sibilas e das bruxas com base em escritos diversos do autor, entre os quais, sua correspondência particular, textos de juventude e programas radiofônicos. O ponto de partida é um artigo já publicado em duas versões de mesma autoria deste, cuja intenção é a de perceber um aspecto metodológico de Benjamin na analogia criada entre a figura da prostituta com a da sibila. Essas figuras retornam na coincidência com o que caracteriza a larga denominação de bruxa na Antiguidade e Idade Média. A questão central desse artigo, para além do objetivo de relacionar as figuras mencionadas, é a do equilíbrio entre mito e razão na perspectiva dialética de Walter Benjamin, bem como uma concepção das mulheres como seres das passagens, guardiãs, guias ou mediadoras. Definido o objetivo e a questão central, os temas e conceitos a serem apresentados referem-se, como se lê nas palavras-chaves à: sibila, bruxa, mito, razão, *crimen exceptum*. Acreditamos que para defini-los é necessário contextualizá-los nos textos, de forma a indicar referências e fontes primárias e secundárias.

Tomaremos a liberdade de aludir inicialmente a um problema notado quando se quer atualizar Walter Benjamin no tocante às teorias de gênero, que é o de supor qual proximidade ele teria com problemas que hoje em dia estão em pauta. Essa alusão não significa que faremos de nossa exposição uma problematização de tais teorias, pois não há espaço suficiente para tanto.

Há, certamente, quem diga que as questões postas pelos feminismos não encontrariam ecos nos escritos de Walter Benjamin. Nesse sentido, gostaria de considerar a tese XVI de *Sobre o conceito de história*, por exemplo, escrito no qual notamos, com certo desapontamento, que o historiador materialista é marcado por uma virilidade masculina. A metáfora que vem materializar figurativamente o trabalho de interrupção do contínuo da história em contraposição ao do historiador historicista, responsável por criar uma imagem eterna do passado – da qual surgiria a narrativa de um progresso que já parte de uma versão parcial da história –, faz Benjamin conceber a seguinte imagem viril: “Ele [o materialista histórico] deixa aos outros se desgastarem com a prostituta ‘era uma vez’ no prostíbulo do Historicismo. Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante para fazer explodir o contínuo da história”.³

Podemos interpretar a tese com apoio em diferentes noções, como a de destruição⁴, ao falar em explosão; verificar o “era uma vez”⁵, cuja utilização na

³ BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Müller. In: LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo, Boitempo, 2014. p. 128.

⁴ A ideia de destruição em Benjamin parece bem expressa dialeticamente na tensão seguintes dos extremos: “destruição” e “construção”. Existe uma referência à tradição do pensamento alemão anterior a Benjamin que pode ser associado aos princípios opostos

abertura dos contos de fada, ganha aqui uma conotação mítica negativa. Michel Löwy, ao analisar essa tese, em *Aviso de incêndio*⁶, insere a citação na polêmica com o historicismo e relativiza o aspecto viril atribuído ao historiador materialista, ao dizer que esse “não tem necessidade de ser, ao contrário do que Benjamin dá a entender, do sexo masculino”⁷, ressaltando da passagem apenas o lado metodológico de imobilização de uma imagem do passado. No entanto, para Löwy, ao historicismo cabe sim a qualidade de ser o “bordel”, no qual a prostituta “era uma vez” recebia os vencedores da história. Ora, como veremos a seguir, esse trecho destoa de outras considerações mais positivas que Benjamin faz do uso do “era uma vez” quando relacionado aos contos infantis; bem como da figura da prostituta vestida em trajes míticos, mas, certamente, comportando a ambiguidade característica dos tipos sociológicos da modernidade que possuem um profundo parentesco com as ideias de Baudelaire.

Para tratar do assunto proposto neste artigo, partirei de um artigo já publicado em duas versões⁸ a fim de perceber tanto um lado positivo, quanto um aspecto metodológico, na analogia criada entre a figura da prostituta e a da sibila. Ambas, aliás, correspondem também a estrelas na constelação que forma a descrição que Benjamin faz de uma mulher real que havia conhecido em Ibiza, Anna Maria Blaupot ten Cate, uma pintora holandesa, mencionada em sua correspondência pelo apelido: Toet. Nesse artigo já publicado, a relação entre a prostituta e a sibila foi feita dentro de uma composição constelar que reflete o rosto de uma mulher em particular, criando um efeito de miragem, ao fundir o rosto da amada a uma constelação. No presente artigo, reuniremos na figura da bruxa, as duas mulheres, buscando compreender melhor a figura da sibila e a da bruxa. Essa escolha evita que a análise se perca em citações e referências sobre os estudos da prostituta em Baudelaire e na modernidade. A proposta, portanto, é tratar das figuras da sibila e da bruxa com maior atenção. Antes, contudo, faremos uma remissão ao assunto anteriormente tratado, visando recompor a reunião que Benjamin, ele próprio, faz entre a figura composta da mulher a quem escreve e seu “anti-método” – por se basear numa crítica à epistemologia e ao método dedutivo –, qual seja, a composição de mosaicos e a constelação tensionada. Essa tensão é também

do “apolíneo” e o “dionisíaco” nietzschiano, mas há um diálogo mais próximo com Brecht, que rompe com o sentido moderno de dialética, abrindo mão da recomposição da totalidade simbólica ao manter os extremos tensionados. Surge disso uma concepção de destruição criativa. O efeito brechtiano de estranhamento (*Verfremdungseffekt*) pode ser identificado na ruptura com o sentimento de empatia; efeito reforçado pela ideia de destruição que causa a interrupção com a continuidade temporal expressa na narrativa do historicismo. Da ruptura com a temporalidade contínua, surgem os conceitos afirmativos de “tempo do agora” (*Jetztzeit*) e de “imagem dialética.

⁵ Voltaremos ao “era uma vez” nos contos infantis, ao mito, à superstição, e a “sã razão humana” quando considerarmos o programa de rádio a respeito dos processos da inquisição.

⁶ LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo, Boitempo, 2014. p. 128.

⁷ LÖWY, 2014, p. 128

⁸ Cf. DAMIÃO, C. M., Pequena incursão sobre imagens femininas nos escritos benjaminianos, *In: Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 4, p. 54-60, jan. 2008; e DAMIÃO, C. M., Women as Constellation. *In: The Polish Journal of Aesthetics*, v. 41, p. 119-134, fev. 2016.

expressa em contrapartida à concepção de dialética moderna. Novamente, não há como determo-nos em explicações que nos levaria à crítica da epistemologia desenvolvida por Benjamin em seu prefácio epistêmico-crítico do livro sobre o *Trauerspiel* alemão. Supomos que a ideia de constelação e de mosaico seja de conhecimento prévio dos leitores ou, ao nomearmos esses procedimentos, temos o propósito de instigar a leitura e aprofundamento desses.

1. O rascunho da carta para Toet

Conto aqui, na condição de autora e à guisa de explicação metodológica, quando e como o tema das mulheres em Walter Benjamin chamou minha atenção. Não apenas pelo tema em si, mas por meio de uma investigação que conduzia na época do doutorado, parte do qual realizei na Universidade Livre de Berlim no final da década de 1990. O Arquivo Walter Benjamin, tal como existe hoje, encontrava-se fragmentado, com espólios organizados em diferentes lugares⁹. O espólio organizado na Academia das Artes (*Akademie der Künste*) em Berlim era um dos locais de pesquisa. O material era consultado em microfimes (feitos em 16 ou 35 mm, colorido ou preto e branco), um meio analógico acessível por meio de suporte de leitura com lente de aumento, um recurso muito utilizado por arquivos da época. Citar o acesso ao material não é irrelevante, pois sabemos do interesse do próprio Benjamin aos equipamentos e seu descarte precoce a partir de meados do século XIX. Como hoje em dia, era necessário agendar visitas ao arquivo, pois não havia muitas mesas ou equipamentos. A fim de decifrar alguns manuscritos, havia a imagem de um bilhete rascunhado que cismei em decifrar, sem ter como saber que este aparente registro insignificante estava para ser publicados no mesmo ano, 1998, no quarto volume da correspondência organizada por Christoph Götde e Henri Lonitz que vai de 1931 a 1934, registro 804¹⁰.

No endereçamento da carta não há um nome, iniciada apenas com um “Liebe”¹¹. Sem retornar ao que já foi escrito nos artigos anteriores que tomavam a carta

⁹ O Arquivo Walter Benjamin que é, desde 2004, parte da Fundação Hamburg para a Promoção da Cultura (*Hamburger Stiftung zur Förderung von Wissenschaft und Kultur*) e da Academia das Artes (*Akademie der Künste*), responsável pela organização e manutenção de cerca de 12 mil folhas de manuscritos, documentos, fotografias, cartas e cadernos. Esse material reúne os que se encontravam em Frankfurt, no Instituto de Pesquisa Social e que foram entregues aos cuidados de Theodor W. Adorno; bem como os documentos descobertos na Biblioteca Nacional em Paris, na década de 1980. Os documentos que se encontravam em Berlim antes de 2004, foram apreendidos pela Gestapo em Paris, transferidos no pós-guerra para Moscou e em 1957 entregues aos Arquivos de Estado da antiga República Democrática Alemã (RDA) e, em 1972, à Academia das Artes do leste da Alemanha.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. **Briefe**. Vol. IV, 1931-1934. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998, p. 278-279.

¹¹ Em BENJAMIN, 1998, p. 279, os organizadores esclarecem que a destinatária era a pintora holandesa Anna Maria Blaupot ten Cate, fornecendo a seguinte informação:

como exemplo de comparação com textos de juventude a respeito de Eros e de uma figura mítica e única da mulher, destacamos as linhas finais que aproximavam a amiga de Benjamin à figura da heroína da modernidade – a prostituta –, a “guardiã do limiar” das passagens parisienses reunida à figura da sibila, cujo significado nos leva à ideia de outro limiar: o do limiar entre a vida e a morte. Para ser mais precisa, no jogo de palavras, entre *Hüterin* (guardiã) e *Hure* (puta), a relação ocorre entre “mulher” e “guardiã”, “mãe”¹² e “puta”. Nos braços desta, que se compõe com a alternância das demais figuras, Benjamin diz: “o destino pararia de me surpreender”¹³. Na bela composição da escrita que funde o céu constelado, o mar e o rosto da amada, há a descrição de um profundo silêncio e, nele, diz Benjamin: “...acontece a mudança das figuras: seu interior. Elas jogam umas nas outras como as ondas: puta e sibila, ampliando mil vezes”¹⁴. Essa composição constelar da mulher amada, projetada na constelação física de Santo Antônio, revela o aspecto metodológico que procurava na comparação entre a figura da mulher em sua unidade e naturalidade com a mulher como constelação, não apenas fragmentada em suas unidades estelares, mas carregada de extremos tensionados na composição. É importante notar que esse aspecto retira o que poderia ser entendido como meramente subjetivo na escrita de um rascunho de carta, pois ao utilizar um princípio metodológico na composição da imagem, ele se desprende do sentimento que motiva sua escrita: uma espécie de nostalgia enigmática.

Não é preciso repetir a análise sobre as prostitutas nas passagens parisienses, ou a intrigante figura descrita na narrativa autobiográfica de *Infância berlinense por volta de 1900*, e principalmente a interpretação que Benjamin faz dessas nos poemas de Baudelaire¹⁵. Importa ressaltar o aspecto ambíguo ou dialético da figura como “a imagem manifestação que expõe o objeto em sua face dupla e contraditória, conferindo-lhe um aspecto onírico”¹⁶. Neste sentido, a prostituta é configurada como uma imagem dialética.

Quanto à figura da sibila, cito do artigo anterior:

A figura da Sibila compõe também uma imagem dialética e remete igualmente a um elemento de passagem, não apenas do submundo e da cena política parisiense, mas das profundezas

“Benjamin conheceu a jovem pintora Anna Maria Blaupot ten Cate (nascida em 1902) na queima de livros em maio de 1933 em Berlim, antes de ir para Ibiza via Itália, provavelmente em julho”. Ainda informam que ela teria sido a inspiração para a escrita de “Agesilaus Santander” BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Band VI. Fragmente vermischten Inhalts. Autobiographische Schriften, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985, p. 520-523.

¹² Não faz parte de nossas preocupações nesse artigo a figura da mãe. Quanto à maternidade, há uma remissão importante de Benjamin à feminista saint-simonista Claire Démar, no fragmento de *Passagens* [p 2ª, 1] que possui um título – Sobre o materialismo antropológico, convoluto P: “Materialismo antropológico, história das seitas”.

¹³ BENJAMIN, 1998. p. 279

¹⁴ BENJAMIN, 1998. p. 279

¹⁵ Cf. DAMIÃO, 2008.

¹⁶ DAMIÃO, 2008, p. 58.

da terra, não como causa da morte, mas como a guardiã de sua passagem inevitável. Entre os documentos deixados por Benjamin, organizados em um único documento pelos pesquisadores do *Walter Benjamin Archive* em Berlim (Arquivo Walter Benjamin), constam alguns cartões postais com imagens de sibilas, reproduções das que originalmente compõem um mosaico na Catedral de Siena, Itália. Sabe-se, pela correspondência, que Benjamin visitou essa cidade em 1929. Na tentativa de interpretar o enigma dessa pequena coleção de postais, a eles relacionando sua correspondência e seus escritos, os pesquisadores do Arquivo¹⁷ acreditaram ter encontrado uma relação possível com o mesmo comentário de Benjamin [...] sobre a poesia de Baudelaire.¹⁸

2. A SIBILA CUMANA

*Così la neve al sol si disigilla
Così al vento nelle foglie
Levi si perdea la sentenza di Sibilla*

Dante Alighieri, *Paradiso*, XXXIII, 64-66



Figura 1: Sibila cumana. Piso da Catedral de Siena.
Imagem de cartão postal fotografada pela própria autora.

¹⁷ A saber: Ursula Marx, Gudrun Schwarz, Michael Schwarz e Erdmut Wizisla. *In: WALTER BENJAMIN ARCHIV. Walter Benjamins Archiv. Bilder, Texte und Zeichen.* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006, p. 237.

¹⁸ DAMIÃO, 2008, p. 58-59.

A coleção de cartões postais corresponde às sacerdotisas de Apolo, distribuídas nos corredores laterais de um complexo mosaico na nave central, em número de dez. São muitas as sibilas na mitologia greco-romana, mas no piso da catedral de Siena, elas são dez. Esse quantidade baseia-se na referência que provém de Marcus Terentius Varro ou Varro Reatinus (116-27 a.C.) que teria nomeado as sibilas (em *Antiquitates rerum divinarum*) em correspondência com regiões no mediterrâneo de domínio grego: Ciméria (Quersoneso Táurico), Cumana (de Cumas, na Itália), Déléfica (Delfos, a cidade de Apolo), Eritreia (de Éritras, na Lídia), Frígia (Frígia, na Ásia Menor), Helespôntica (do Helesponto, entre a Europa e a Ásia), Líbica (da Líbia, no Norte de África), Pérsica (da Pérsia), Samia (da ilha de Samos), Tiburtina (de Tibur, ou Tivoli, perto de Roma).

Dante e Virgílio fornecem indícios da importância das sibilas no contexto histórico e religioso romano. Em referência a epígrafe de Dante que inicia essa seção, Alessandro Saggiore comenta:

Quando ele tem que descrever a maneira pela qual temos a impressão de ver Deus desaparecer, Dante recorre à imagem da neve derretendo ao sol. A exemplificação continua, em outro nível, com referência à frustração da resposta sibilina escrita em folhas confiadas ao vento. Ao citar a sibila e sua faculdade vaticinatória, Dante se refere a uma longa tradição ligada à tipologia desse caráter: em toda a bacia do Mediterrâneo havia sibilas e, do mundo clássico, através do *cumaeum carmem* [palavra que se refere ao vaticínio da sibila] virgiliano e oráculos sibilinos da era judaico-cristã, as sibilas desempenharam um papel importante na realidade religiosa ocidental com referência à loucura inspirada. Pense brevemente no ritual para os mortos que remonta ao século XIII, no qual essa pessoa é encarregada do anúncio do *dies irae* [dia de ira]. Ou a intercalação de sibilas e profetas na abóbada da Capela Sistina, que é o fundo e a moldura da imagem grandiosa da reescrita figurativa da história humana em uma chave cristã desde a origem do universo até o julgamento final.

A sibila cumana, justamente, parece aparece no grande testemunho épico de Virgílio, a Eneida, como uma manifestação da história sagrada do povo romano. Para Saggiore, a existência da sibila na narrativa de Virgílio mostra a complexidade das interpretações que sugerem um processo de desmitologização no período do imperador Augusto. Para ele, em *Eneida*, Virgílio

...realizou conscientemente uma operação sagrada, elaborando, no sentido romano e, em particular, em função do principado de Augusto, uma mitologia que, como um todo, dava valor religioso à nova realidade historicamente nascida das conquistas militares e à solução do problema das guerras civis na *pax augustea* romana.

O papel como mediador da sibila, entre o sobrenatural e o humano, expresso em sua capacidade de conhecer e revelar o futuro aos humanos é descrito na epopeia de Virgílio como a possessão do deus, o estado de fúria ao qual a profetisa se entrega, a entrega da profecia escrita em folhas soltas ao vento. O fato da profecia ser confiada ao vento não denota uma função de absoluta inutilidade, mas um

risco potencial da relação que se estabelece entre ela e o consulente. Uma relação, no contexto que primava pela racionalidade e pela laudatória, o valor histórico se impõe na constituição de um corpo ou colegiado de sacerdotes que se incumbia de fazer a intermediação e interpretação do vaticínio emitido em transe pela sibila, recomendar remédios sagrados e orientar ações. Com isto, o mito ganhava uma funcionalidade em relação àquela que se restringe ao aprisionamento mítico, fora do tempo e do espaço, inserida nas profundezas, em cavernas e grutas, como uma guia do submundo. O estudo do texto de Virgílio mostra, segundo Saggiaro, que ele mantém o mito da sibila vivo, ao mesmo tempo que indica sua transformação. Da figura da sibila para a estruturação dos livros sibilinos, fonte de consulta que mostrará um mundo mais controlável pela leitura do que pelo delírio inspirado da profetisa. Quando começamos a levar em conta a linguagem mítica de Virgílio, diz Saggiaro, podemos superar falsos “problemas exegéticos”, conferindo mais peso ao significado sagrado da sibila e menos importância à funcionalidade real caracterizada no império de Augusto. Por isso, a sibila não deveria ser considerada apenas um fenômeno cultural, embora vários estudos busquem comprovar que a sibila augustea era uma espécie de fenômeno literário, e que não há comprovações de existir um oráculo semelhante em Cumas, ou ritos oraculares desse tipo. Os estudos exegéticos e eruditos sobre as sibilas e os livros sibilinos indicam uma discussão infinita e de documento, temos apenas um bilhete rascunhado e uma coleção de cartões postais de Benjamin.

Tudo leva a crer que ele se refere ao mito da sibila cumana, à qual era atribuída o dom da profecia, sendo também acometida por uma maldição. Consagrada por seus pais a Apolo, sobreviveu ao destino fatídico de ser morta em sacrifício ao deus, quando por ela ele se apaixonou e prometeu-lhe o que quisesse em troca de seu amor. De acordo com a versão mais difundida que ela pediu para viver, um pedido medido por um punhado de areia em suas mãos, cada grão representando uma vida. Mas esqueceu-se de pedir a juventude que pudesse acompanhar esses anos. Recebeu de Apolo as vidas, mas, por negar-lhe a virgindade, foi amaldiçoada, vivendo muito, as versões falam em nove, cada qual com a duração de cento e dez. Alguns dizem que foi aprisionada numa jaula no templo a Apolo, outros em uma caverna, outros que ficou suspensa dentro de uma garrafa dentro da caverna, encolhida e ressequida semelhante a uma cigarra, e quando as crianças lhe perguntavam o que mais queria, dizia, simplesmente: “quero morrer”. T.S. Eliot conta esse mito na epígrafe de seu romance *A Terra Devastada* (*The Wasteland*). Mas antes de Eliot, ela aparece em *Eneida* de Virgílio, como aquela que guia Eneias na sua descida aos Infernos. No poema de Virgílio, o sibila cumana, como Ariadne no labirinto do Minotauro, guia o herói Enéias para o submundo. A força e a velhice foram expressadas por Michelangelo na pintura do teto da Capela Sistina. E aqui, é possível notar algo de considerável importância que pode ter escapado a Benjamin na reunião que faremos com o programa de rádio sobre o processo inquisitório e a figura das bruxas.



Figura 2: Sibila cumana. Afresco de Michelangelo no teto da Capela Sistina. Reprodução em cartão postal. Foto da própria autora.

As sibilas, portanto, correspondem a essas figuras míticas que ganharam versões por onde os gregos passaram em seu domínio territorial e, mesmo que não tenham mudado essencialmente de religião, permanecendo na mitologia romana, tornaram-se espécies de guardiãs de um conhecimento – por isso portadoras de livros nas imagens – arcaico e pagão. Os mesmos que as teriam afastado da função que infligia medo pelo delírio e transe inspiratório. Segundo comenta Jesse Keskiaho:

De todos os textos usados na religião estatal romana, talvez estejamos mais bem informados da existência dos livros sibilinos. É também aí que o nosso conhecimento – e provavelmente o da maioria dos antigos também – termina, em grande parte. Os livros sibilinos eram uma coleção de textos oraculares de reputação antiga, cujo conteúdo era um segredo estritamente controlado por um grupo de sacerdotes que só os consultava sob as ordens do senado. Os livros foram destruídos pelo menos duas vezes na antiguidade e, portanto, não sobreviveram para que os pudéssemos ler, nem mesmo como fragmentos. Considerando o pouco que se sabe – e, ao

que parece, se pode saber – dos *libri Sibyllini*, muito se escreveu sobre eles. O debate foi parcialmente alimentado por argumentos propostos há muito tempo, e talvez já esgotados.¹⁹

Os Livros Sibílicos teriam exercido uma grande influência na religião romana até o período de Augusto; atribuem sua destruição às próprias sibilas ou por ordem de Tarquínio, o soberbo. Os primeiros cristãos, entre os quais o imperador Constantino, associam a Sibila de Cumas e Virgílio à profecia da vinda de Cristo, ao ter interpretado uma passagem da obra *Bucólicas* (*Éclogas*) como fonte da profecia contida nos Livros Sibílicos.

Pelo conhecimento que as sibilas detinham, elas teriam profetizado o cristianismo aos pagãos, e essa associação justificaria a presença dessas figuras entre os profetas no teto da Capela Sistina em pleno centro do poder da igreja católica apostólica romana até hoje. Diferentemente do piso da Catedral de Siena que levou em torno de quinhentos anos para ser finalizado (de 1300 a 1800), o teto da Capela Sistina possui uma data mais precisa, concebido entre 1508 e 1512, no qual as sibilas ocupam espaço com corpos másculos, fortes e volumosos.

Essas datas são importantes na reunião com o que vamos passar a considerar: o programa de rádio intitulado “Processos contra bruxas”.

3. As bruxas: o mito e a sã razão humana

Faz-se necessário, inicialmente, dizer algo sobre os programas de rádio do *corpus* benjaminiano. Tendo em vista a (re)organização de seus escritos pela edição crítica atual de seus escritos²⁰, é possível perceber que nas primeiras compilações e publicações de seus escritos, esses programas – dos quais não sobreviveu nenhum registro sonoro – foram subvalorizados, como se se tratasse apenas de um trabalho secundário e de sobrevivência financeira. O volume 9.2. da atual edição crítica, intitulado *Trabalhos de rádio* (*Rundfunkarbeiten*), organizado por Thomas Küpper e Anja Nowak, veio, felizmente, mostrar a importância desse exercício de “contação de histórias” de Benjamin. É visível na leitura dos textos desses programas perceber o esforço de modificação da apresentação notadamente erudita de um autor que escrevia muito bem. Nesse meio, seria necessário não apenas escrever, mas “performar” e o aspecto sonoro e de produção recebe cuidados metodológicos. O volume citado reordena os textos em programas que são divididos em: palestras para crianças, palestras para adultos, modelos de escuta, peças ou dramas radiofônicos com personagens e diálogos, conversações (*Gespräche*) e textos sobre o meio de radiodifusão.

¹⁹ KESKIAHO, Jesse. Re-visiting the Libri Sibyllini: Some Remarks on Their Nature in Roman Legend and Experience. *In*: KAJAVA, Mika (org.). **Studies in Ancient Oracles and Divination**. Roma: Institutum Romanum Finlandiae, 2013, p. 145.

²⁰ BENJAMIN, Walter. **Rundfunkarbeiten**. Werke und Nachlass. Vol. 9.2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017.

Em uma dessas curtas reflexões sobre o meio, Benjamin diz: “Modelos de escuta: A intenção básica desses modelos é um assunto didático de instrução, situações típicas retiradas da vida cotidiana. O método de instrução consiste no confronto de exemplo e contraste”²¹. Dito assim, de maneira tão sucinta, podemos perceber que a preocupação com o método e a instrução didática, é de grande importância. No entanto, Benjamin permanece crítico do meio, justamente no tocante a essa possibilidade didática:

Acreditava-se com a rádio termos em mãos o instrumento de uma enorme empresa de educação pública. Ciclos de palestras, cursos, eventos didáticos em larga escala, de todos os tipos; começaram e terminaram como um fiasco. Mas o que ocorreu? O ouvinte quer entretenimento (*Unterhaltung*). E, então, a rádio não tinha nada a oferecer: a segura e as limitações técnicas do instrutor correspondiam à simples pobreza.²²

Não nos cabe neste artigo abrir algumas páginas para refletir sobre a questão da técnica, da produção técnica, da transformação do trabalho intelectual nos novos meios tecnológicos, ou ainda determo-nos sobre a expectativa de uma recepção que, na verdade, não corresponde aos objetivos de ensino por meios da natureza técnica, seja a do rádio, seja a do cinema. Algumas considerações feitas na apresentação do volume citado, no entanto, podem ser úteis para esclarecermos algo sobre o endereçamento desse tipo de escrita voltada para a rádio.

Seria possível questionar a subdivisão em “Palestras para crianças” e “Palestras para adultos”: como bem salienta Sabine Schiller-Lerg, a “estrutura do programa em programas para crianças, jovens e adultos era [...] de pouca importância para Benjamin; ele suspeitava estar ‘escondido’ entre seus ouvintes jovens, adultos e pais [...] e comunicar a eles, direta ou indiretamente, a intenção e o benefício que esse programa poderia trazer para eles” (Schiller-Lerg 1984, 90). Ao mesmo tempo, porém, não há dúvida de que o endereçamento disponível para diferentes faixas etárias do público contribuiu significativamente para a estrutura do programa de rádio; por esse motivo, a simples subdivisão em “palestras para crianças” e “palestras para adultos” fazia sentido.²³

O endereçamento e o meio tornam-se importantes para refletirmos sobre o modo que Benjamin se refere à figura das bruxas no programa em questão: “Processos contra bruxas”.²⁴

²¹ BENJAMIN-ARCHIV, documento 519/520.

²² BENJAMIN-ARCHIV, documento 519/520.

²³ KÜPPER, T/NOWAK, A., *In*: BENJAMIN, Walter. **Rundfunkarbeiten**. Werke und Nachlass. Vol. 9.2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017, p. 9.

²⁴ Utilizamos aqui a tradução do programa na coletânea intitulada **Walter Benjamin: a hora das crianças**. Narrativas radiofônicas. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau, 2018. No programa que citamos, na página 136, o tradutor preferiu utilizar o masculino e não o feminino como consta no original.

Haveria uma longa e profícua discussão a fazer sobre imagens utilizadas nos programas ou fora deles que poderiam referir à questão da apresentação ou método na utilização do meio ou fora dele. A mais clara e importante é a que consta nas primeiras linhas de “O terremoto de Lisboa”, em uma analogia entre o uso do tempo nesse meio com a medição com pesos e balança que um farmacêutico faz das substâncias ou pozinhas na preparação de um remédio: “Os meus pesos são os minutos, e eu preciso medir exatamente o quanto disso e o quanto daquilo vou usar para chegar à mistura correta”²⁵. É possível, como faz a organização do livro ao dar-lhe o título, supor que se tratam de “narrativas” radiofônicas, e por narrativa, há muito o que se buscar no autor cujo ensaio “O narrador” (*Der Erzähler*) ou “O contador de histórias” (em tradução mais recente²⁶ motivaria a procurar relações entre o que Benjamin atribuía ao escritor russo Leskov e ao que procura realizar nos programas de rádio. Outras passagens e textos levaria-nos a um Benjamin arqueólogo, quase um geólogo, que enxerga, respeita e escava histórias que foram soterradas ou desprezadas ao longo do tempo, que ele recolhe como se escavasse para lembrar²⁷ aos outros algo que de tão esquecido, jamais foi contado. Justamente a tarefa do historiador materialista poderia ser evocada. Não por acaso também, a ideia de catástrofe surge nesses programas quase como uma protagonista, com uma série de cinco programas dedicados a ela²⁸. Certamente, essa ideia combina com o que se entende normalmente por catástrofe, um acidente natural ou não, do qual resultam muitas perdas físicas, materiais, emocionais, que são irreversíveis. Mas, para Benjamin, tratá-las de forma narrativa, contá-las ao público, significa lembrar do que existia antes do desastre e de como este foi contado por testemunhos. A lembrança contada é uma construção e, nesse sentido, a palavra catástrofe retorna ao seu sentido etimológico, qual seja, o sentido que vem da palavra grega *Katastrophe*, que tem sua origem no teatro grego, significando menos o resultado de um fenômeno de destruição e mais uma “virada de expectativas”, posto que as palavras que o compõem, provém, literalmente, de *kata* quer dizer “para baixo” e *strophein*, “virar”. Segundo algumas interpretações, o significado pode ser de “virar para baixo” ou de “reviravolta”, sendo o primeiro o que não comporta a visão positiva de se recompor.

O programa “Processos contra bruxas” repete, portanto, um contexto de programas que foram escritos procurando uma medida certa e um público amplo, porém, no horário ofertado às crianças e à juventude. Algo possível de notar em comum em alguns programas é uma espécie de crescimento orgânico da narrativa que inicia no mito – lembrando ou narrando histórias que remetem a contos de

²⁵ BENJAMIN, 2018, p. 235.

²⁶ BENJAMIN, Walter Benjamin. “O contador de histórias”. In: BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. Trad. Patrícia Lavelle, Marcelo Backes e Georg Otte. São Paulo: Hedra, 2018a.

²⁷ Referimo-nos aqui, claramente a um fragmento intitulado “Escavar e recordar” de *Imagens do pensamento*. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. Trad. de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁸ Série de programas sobre catástrofes: “A destruição de Herculano e Pompeia”; “O terremoto de Lisboa”; “O incêndio do teatro de Cantão”; O desastre ferroviário da ponte do rio Tay”; A enchente do rio Mississipi”.

fada – e prossegue para o jovem (ou adolescente) de maneira quase iluminista, ofertando descrições, cálculos e razões que motivaram a sorte/azar de algum acontecimento. É o que ocorre no programa sobre as bruxas, tratadas inicialmente como lembranças de contos de fada ao processo inquisitorial que as levou às fogueiras no processo inquisitorial conduzido pela igreja católica.

A primeira vez que vocês ouviram falar de bruxas foi na história de João e Maria. E no que foi que vocês pensaram então? Numa mulher malvada, perigosa, que mora sozinha numa floresta e de quem é melhor a gente nem passar perto. Com certeza vocês nunca quebraram a cabeça para saber de onde vem a bruxa, o que ela faz ou deixa de fazer, o que ela acha do diabo ou do bom Deus. E igual a vocês, durante séculos, as pessoas também pensaram assim sobre as bruxas.²⁹

Essa introdução que soa mesmo como se fosse dirigida a uma criança, para uma investigação de quando, com quais fundamentos e em que época, as pessoas que até poderiam acreditar em bruxas – como as crianças que ouvem os contos de fada, mas não vivem dentro desses – jamais “pensariam em trazer a crença nas bruxas para o seu dia-a-dia”³⁰. Alguns patuás e objetos de sorte seriam suficientes para espantar a credence e a superstição. Dito isso, a escavação tem início e as pás enfiadas no terreno da história começam a jogar camadas de terra para encontrar o valor que as bruxas possuíam no passado de onde brotam associações. Da antiguidade ao cristianismo inicial não havia sombra de condenação ou de perigo. Aqui lemos um trecho do lugar que ocupava a sacerdotisa – sem dúvida as sibilas, mesmo sem utilizar a palavra – e mesmo as prostitutas, aqui referenciadas como “mulheres de má reputação” (afinal, ele falava para crianças).

[...] certamente havia também na época as mulheres de má reputação, mas elas eram geralmente sacerdotisas, deusas pagãs; e o povo não confiava muito no poder de suas feitiçarias. Elas eram antes alvo da compaixão de todos, pois o diabo zombava tanto delas, que elas atribuíam a si mesmas, poderes sobrenaturais.³¹

O programa prossegue com datas mais ou menos precisas, que situam a transformação que teria conduzido à morte de milhares de mulheres com processos baseados em provas que mais se aproximavam de uma ficção do que a ficção mesma, como nos contos de fada, vislumbrava essa personagem. Com a diferença de que não eram personagens, mas mulheres de carne e osso.

E como tudo isso se transformou completamente ao longo de algumas décadas, por volta, aproximadamente, do ano 1300 depois de Cristo, isto com certeza ninguém saberá explicar a vocês. Mas uma coisa é certa: depois que a crença nas bruxas andou misturada a todas as outras superstições durante séculos, sem causar maiores ou menores danos do que as

²⁹ BENJAMIN, 2018, p. 129 – tradução modificada.

³⁰ BENJAMIN, 2018, p. 129.

³¹ BENJAMIN, 2018, p.129-130.

demais, começou-se na metade do século XIV a farejar em toda parte em busca de bruxas e suas feitiçarias e quase em seguida, deu-se início à perseguição a elas. De uma hora para outra surgiu uma verdadeira doutrina sobre tudo o que se referia às bruxas.[...] Como se chegou a isso, talvez jamais compreenderemos inteiramente. É mais espantoso ainda é o quão pouco sabemos sobre as razões dessa mudança.³²

Uma razão é postulada: “a época de um grande avanço nas ciências”. Uma ciência importada no movimento das Cruzadas, trazidas de doutrinas científicas mais modernas do mundo Árabe. A continuidade nos mostra uma comparação de como a ciência existia na Europa e de como, ao importar as ciências naturais e a matemática, os estudos passaram a criar classificações para distinções entre ciência e magia. Magia de dois tipos: a branca e a negra. À qual delas se ligavam as bruxas? Àquela que as colocava num enlace absoluto com o demônio, o lado negativo e escuro em oposição à luz do esclarecimento.

Aparentemente, parece se tratar de uma explicação simplista, mas obras são citadas e dados dos processos demonstram que a perseguição que matou “centenas de milhares, ou talvez até esse número multiplicado várias vezes”³³ de mulheres.

Ressalta-se da análise dos processos dois conceitos importantes e muito sérios. O de *crimen exceptum*, traduzido por “crime de exceção”, que nos leva à ideia de “estado de exceção”, ideia provinda de leituras de Carl Schmidt, tematizadas em *Origem do drama barroco alemão* e que gerou muito interesse em autores contemporâneos como Giorgio Agamben. A explanação dessa condição que submetia as bruxas a um crime que não permitia defesa, era fundamentada numa ideia: a confissão. Confissão obtida sob tortura!

Qualquer um pode imaginar o que significava uma confissão, quando se sabe que a tortura era prática comum nos processos contra bruxas. Uma das coisas mais espantosas que se vê na história é o fato de que foram necessários mais de 200 anos até os doutores da lei perceberem que uma confissão obtida sob tortura não tem qualquer efeito legal. [...] Quando por exemplo a ré insistia em ficar em silêncio, pois sabia que qualquer palavra que dissesse, mesmo a mais inofensiva, só poderia piorar sua situação, os doutores interpretavam a atitude como ‘mordada do diabo’[...] Havia por exemplo o teste de lágrimas. Se alguém não chorasse de dor durante a sessão de tortura, então isto era prova de que a ré tinha pacto com o diabo – e de novo foi preciso que se passassem 200 anos, até que os médicos realizaram a mera observação e ousaram afirmar que o ser humano não chora quando sente uma dor intensa.³⁴

³² BENJAMIN, 2018, p. 129.

³³ BENJAMIN, 2018, p. 134. Essa imprecisão possui um valor lúdico que se repete em vários programas. Um cálculo que não faz o menor sentido, mas que funciona para despertar o jogo de calcular, gerando dúvida sobre os cálculos.

³⁴ BENJAMIN, 2018, p.136.

A luta pelo fim desses processos, diz Benjamin, “foi uma das maiores lutas de libertação da humanidade”. Com início no século XVII e alcançando vitória – não em todos os países – 100 anos depois, no século XVIII, quando a “sã razão humana” apontou erros, contradições nos processos e também na crença que se tinha dessas mulheres chamadas de bruxas.

Diferentemente de outros programas, não sobrou sinal de relatos de bruxas que pudessem ser incorporados à narrativa. Podemos, no entanto, pensar que as imagens das sibilas, do piso de mármore da Catedral de Siena aos cartões postais colecionados por Benjamin, e a pintura de Michelangelo no teto da Capela Sistina, são testemunhos visuais que podemos evocar e que coincidem com o imaginário benjaminiano de certas mulheres.

Considerações finais

O mito e a sã razão humana: qual seria o fiel da balança desses pratos, que não fizesse a impressão de equilíbrio eliminar a tensão existente internamente em cada um desses extremos? Ambos os extremos, em Benjamin, são ambíguos, mas há algo, que no programa sobre os processos inquisitórios, demonstra ser importante: a medida de racionalidade sã é a que confere liberdade às mulheres oprimidas durante séculos. Quantas? Centenas de milhares ou até a multiplicação de centenas de milhares. A medida certa é a justiça de lembrar essa vitória histórica, contada aqui de uma maneira séria e lúdica, por isso mesmo, racional e afetiva. Nessa indissociação numérica, somam-se, na figura da bruxa, as “mulheres de má reputação”, as “sacerdotisas” e “deusas pagãs”, esse misto de mulheres videntes e sapientes que compõem a figura da sibila reunidas às prostitutas. O programa de rádio que apresentamos pode não ser estudado como um dos textos conceituais reconhecidos pela literatura crítica de Benjamin, mas supõe e estrutura a questão que nomeamos como central neste artigo: a relação entre mito e razão. Assunto possível de ser expandido na reunião com outros textos do autor, abreviado no presente artigo na tentativa de apresentar as figuras femininas que representaram uma das constelações de seu pensamento. Se Benjamin constrói uma descrição de tipos sociológicos característicos da modernidade, analogamente, é possível dizer que essas figurações femininas o levaram a problematizar dados de realidade e de fantasia que comportam uma medida de justiça em defesa das mulheres que foram submetidas ao “crime de exceção”.

Uma questão parece ter escapado ao viajante Benjamin. Aquele que, seguindo os passos de Goethe, foi, na condição de viajante e não de refugiado, algumas vezes a Itália, lugar idílico e formador de muitos germânicos³⁵. Como justificar que portentosas e volumosas figurações de sibilas – não só a de Cumas – puderam

³⁵ Cf. BENJAMIN, Walter. *Mi viaje a Italia en Pentecostés de 1912*. In: **Walter Benjamin**. Escritos autobiográficos. Trad. Teresa Rocha Barco. Madri: Alianza, 1996, p. 93-133.

permanecer naquele período e por tantos séculos, flutuando no teto do centro de poder da religião católica apostólica e romana, no estado do Vaticano, só um outro viril exemplo do gênio – sempre masculino – poderia explicar: Michelangelo. Virilidade, contudo, desfeita por Benjamin ao final do ensaio *Imagem de Proust*, quando ele o compara à tarefa magistral do escritor homossexual Proust:

Pela segunda vez, ergueu-se um andaime como o de Michelangelo, no qual o artista, com a cabeça inclinada, pintou a criação no teto da Capela Sistina: o leito de enfermo, no qual Marcel Proust dedicou as inúmeras páginas, que cobriu no ar com sua letra manuscrita, à criação de seu microcosmo.³⁶

Neste tocante, seria importante pensar que, se Benjamin não poderia ser exatamente um “feminista”³⁷, como dissemos ao início, seu pensamento pode colaborar para pensar a questão de gênero, tendo em vista seu interesse por escritores que expuseram sua homossexualidade abertamente, sendo o maior exemplo entre eles, o escritor André Gide³⁸, a quem Benjamin dedica muitos escritos e um programa de rádio.

Podemos de forma geral entender, por um lado, que Benjamin revê esse aspecto mitológico conferido às mulheres como aquelas que efetivam passagens, que transitam entre diferentes realidades, que possuem uma existência no limiar entre a vida e a morte. Por outro lado, para além do mito, ele se coloca como um claro questionador da condição à qual as mulheres – designadas como “bruxas” – foram injustamente mortas, buscando fundamentar essa questão por meio da ideia jurídica e política de “crime de exceção”. O programa de rádio analisado comporta, nesse sentido, um interesse teórico relevante se associado à ideia de “estado de exceção”, mas não apenas. Por si só, o conceito de “crime de exceção” é capaz de suscitar análises por semelhança quando pensamos que alvos de extermínio são identificados apenas como corpos sujeitos à atrocidades e injustiças. Não apenas corpos de mulheres, mas de etnias, de povos indígenas, como nossa história nos mostra e que não foi ignorada por Benjamin ao escrever resenhas sobre livros que condenavam a estrutura das religiões oficiais no período da colonização. Nesse processo raras exceções, como seria o caso de Bartolomeu de las Casas, são salvas³⁹. Um tema trabalhado sobre a vertente da cultura como um documento de barbárie, mais recentemente⁴⁰.

³⁶ BENJAMIN, Walter. **Diário parisiense e outros escritos**. Trad. Carla Milani Damiano e Pedro Hussak. São Paulo: Hedra, 2020, p. 126.

³⁷ Os leitores e leitoras terão que se contentar com essa pequena alusão a um rol de teorias que multiplicam o entendimento do que possa ser entendido sob a designação de “feminista”, posto que há pluralidade e “ondas” que ao longo da história, desde o sufragismo, têm trazido e formado diferentes interpretações do termo.

³⁸ A esse respeito, recomendo o livro organizado por mim e Pedro Hussak, com traduções e notas nossas, intitulado *Diário parisiense e outros escritos*: BENJAMIN, 2020.

³⁹ Cf. BENJAMIN, Walter. Marcel de Brion, Bartolomé de Las Casas: *Père des Indiens*. In: BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Band III. Kritiken und Rezensionen.

Destacado prováveis desdobramentos de tal conceito, ressaltamos que sua origem emerge da memória desse documento da barbárie contra as mulheres designadas como bruxas e que, nessa perspectiva, o estudo do programa de rádio, ao lado das figuras das sibilas e das prostitutas reunidas sob a mesma designação – bruxas –, poderia ser revista em sua importância teórica, mesmo que o próprio assunto tenha sido parcamente desenvolvido em seus escritos. Esse foi o objetivo do presente artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Band VI. Fragmente vermischten Inhalts. Autobiographische Schriften, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Band VII: Nachträge. Teilband 1, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Band III. Kritiken und Rezensionen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991a.
- BENJAMIN, Walter. Mi viaje a Italia en Pentecostés de 1912. In: **Walter Benjamin**. Escritos autobiográficos. Trad. Teresa Rocha Barco. Madri: Alianza, 1996, p. 93-133.
- BENJAMIN, Walter. **Briefe**. Vol. IV, 1931-1934. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Müller. In: LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. São Paulo, Boitempo, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin**: a hora das crianças. Narrativas radiofônicas. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. Trad. Patrícia Lavelle, Marcelo Backes e Georg Otte. São Paulo: Hedra, 2018a.
- BENJAMIN, Walter. **Rundfunkarbeiten**. Werke und Nachlass. Vol. 9.2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Diário parisiense e outros escritos**. Trad. Carla Milani Damiano e Pedro Hussak. São Paulo: Hedra, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Imagens do pensamento. In: **Obras escolhidas II**. Trad. José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991a, p.180-181.

⁴⁰ Cf. LÖWY, Michel. Walter Benjamin, crítico da civilização. In: LÖWY, Michel (org.). **Walter Benjamin**. O capitalismo como religião. São Paulo: Boitempo, 2008.

- BRODERSEN, Momme. **Walter Benjamin**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Basisbiographie, 2005.
- BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar**. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte; Chapecó: UFMG; Universitária Argos, 2002.
- CHAVES, Ernani. Sexo e morte na Infância berlinense. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia. (orgs.). **Luzes da arte**. Belo Horizonte: Opera Prima, 1999.
- DAMIÃO, C. M., Pequena incursão sobre imagens femininas nos escritos benjaminianos, *In: Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 4, p. 54-60, jan. 2008.
- DAMIÃO, C. M., Women as Constellation. *In: The Polish Journal of Aesthetics*, v. 41, p. 119-134, fev. 2016.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GILLMEISTER, Andrzej. Cultural Paraphrase in Roman Religion in the Age of Augustus. The Case of the Sibyl and the Sibylline Books. *In: Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, v. 55. Budapeste: [s.n.], p. 211–222, 2015.
- KESKIAHO, Jesse. Re-visiting the Libri Sibyllini: Some Remarks on Their Nature in Roman Legend and Experience. *In: KAJAVA, Mika* (org.). **Studies in Ancient Oracles and Divination**. Roma: Institutum Romanum Finlandiae, 2013.
- KÜPPER,T/NOWAK, A., Apresentação. *In* BENJAMIN, Walter. **Rundfunkarbeiten**. Werke und Nachlass. Vol. 9.2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017.
- LÖWY, Michel. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- LÖWY, Michel. Walter Benjamin, crítico da civilização. In: LÖWY, Michel (org.). **Walter Benjamin**. O capitalismo como religião. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SAGGIORO, Alessandro. La Sibylla Cumana. Un personaggio virgiliano tra mito e storia. *In: Studi e Materiali di Storia delle Religioni*, SMSR. Roma; L'Aquila: Japadre, v. 62, 1996.
- VIRGILIO. **Eneida**. Trad. José Victorino Barreto Feio. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WALTER BENJAMIN ARCHIV. **Walter Benjamins Archive**. Bilder, Texte und Zeichen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.
- WEIGEL, Sigrid. Eros. *In: OPITZ, Michal; WIZISLA, Erdmut*. (orgs.). **Benjamins Begriffe**, v. 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 299-338, 2000.

Artigo recebido em 02/09/2020

Aceito em 02/09/2020